



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 12, NÚMERO 1 | JAN.-MAR. 2023

<https://doi.org/10.47295/mren.v12i1.727>

A ORDEM DISCURSIVA NA CIDADE DOS LOUCOS E DAS ROSAS



THE DISCURSIVE ORDER IN THE CITY OF THE CRAZY AND THE ROSES

CAMILA DA SILVA GOMES

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 29/01/2023 • APROVADO EM 07/03/2023

Abstract

The present article aims to analyse how the meanings and the memory of the statements "City of roses" and "City of lunatics" move, confront and integrate themselves into the discursive order of Barbacena. The town, which served as the stage for the creation of the Colony Hospital, where thousands of people were interned, has also become famous for its cultivation of roses. As a result, the city was nicknamed with both adjectives. To achieve the objective of this research, a *corpus* of five current photographs of the city was selected, divided from the identification of the discursive sequences to which they belong. The analysis is theoretically and methodologically grounded in the Materialist Discourse Analysis, mainly in the contributions of Orlandi (1999, 2003, 2007^a, 2007b, 2014), regarding the analysis of how cities produce meanings, and Lagazzi (2015), in the understanding that images are signifying materialities. The work allows the identification of a silencing of the "City of lunatics" meanings, whose circulation happens, more expressively, in the margins of the city. On the other hand, in the centre, it is sought, systematically, to highlight the sequence "City of Roses". Nevertheless, although there is silence, the two meanings coexist, moving and integrating the city's discursive order.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar como os sentidos e a memória dos enunciados “Cidade das Rosas” e “Cidade dos Loucos” se movimentam, se confrontam e se integram à ordem discursiva de Barbacena. O município, que serviu de palco para a criação do Hospital Colônia, onde milhares de pessoas foram internadas como “loucas”, também se tornou famoso pelo cultivo de flores e rosas. Como resultado, a cidade foi apelidada com os dois adjetivos. Para alcançar o objetivo desta pesquisa, foi selecionado como *corpus* cinco fotografias atuais da cidade, divididas a partir da identificação das sequências discursivas as quais elas pertencem. A análise está embasada teórico-metodologicamente na Análise do Discurso Materialista, principalmente nas contribuições de Orlandi (1999, 2003, 2007^a, 2007b, 2014), no que diz respeito à análise de como as cidades produzem sentidos e Lagazzi (2015), na compreensão de que as imagens são materialidades significantes. O trabalho permite a identificação de que há silenciamento dos sentidos de “Cidade dos loucos”, cuja circulação acontece, de forma mais expressiva, nas margens do município. Por outro lado, no centro, busca-se, de modo sistemático, ressaltar a sequência “Cidade das Rosas”. No entanto, embora haja silêncio, os dois sentidos coexistem, se movimentando e integrando a ordem do discurso da cidade.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Materialist Discourse Analysis. Discursive Order. City of the Roses. City of the Lunatics.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso Materialista. Ordem do Discurso. Cidade das Rosas. Cidade dos Loucos.

Texto integral

1. REFLEXÕES INICIAIS

Ô seu Manoel, tenha compaixão
 Tira nós tudo desta prisão
 Estamos todos de azulão
 Lavando o pátio de pé no chão
 Lá vem a boia do pessoal
 Arroz cru e feijão sem sal
 E mais atrás vem o macarrão
 Parece cola de colar bolão
 Depois vem a sobremesa
 Banana podre em cima da mesa

E mais atrás vem as funcionárias que são umas putas mais ordinárias.

(Letra de Sueli Aparecida Rezende, interna no hospital Colônia, que teve a filha arrancada dos braços após dez dias de seu nascimento e que nunca mais a viu)

A Letra da música que abre este trabalho tem como autora Sueli Aparecida Rezende, que deu entrada no maior manicômio do Brasil no ano de 1979. Sueli, como muitas vítimas do hospital Colônia, chegou a se alimentar de ratos e pombos para matar a fome e tem sua história contada no livro-reportagem **O Holocausto**

brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil, da jornalista Daniela Arbex (2013). No decorrer de catorze capítulos, Arbex (Ibidem) denuncia os horrores que aconteciam entre as paredes do hospital Colônia – local que acabou tendo seu propósito deturpado desde os primeiros anos, com inúmeras queixas sobre condições de atendimento inadequadas (Ibidem).

Estima-se, de acordo com a autora, que cerca de 70% das pessoas internadas no Colônia não apresentavam diagnóstico de doenças mentais e eram, na verdade, prostitutas, epiléticos, alcoolistas, homossexuais, ou, nas palavras de Brum (2013), responsável pelo prefácio do *Holocausto Brasileiro*, “gente que se rebelava, (...) que se tornara incômoda para alguém com mais poder (...) meninas grávidas violentadas por seus patrões, esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante” (p. 15). O livro de Arbex (2013), composto por documentos, fotos e, principalmente, por depoimentos de ex-funcionários e ex-internos, faz uma comparação entre o que aconteceu na cidade mineira de Barbacena e o holocausto ocorrido nos campos de concentração nazistas.

O Colônia foi criado no ano de 1903 sob o apoio da igreja Católica, contando com dezesseis pavilhões em suas instalações (GODOY, 2014). O hospital Psiquiátrico foi alocado em Barbacena, localizada no Campo das Vertentes há 169 km da capital mineira, Belo Horizonte. O município é conhecido pelas baixas temperaturas e por seu amplo cultivo de rosas – cidade das rosas -, mas também carrega o estereótipo de cidade dos loucos/doidos, tendo em vista que serviu como palco na criação do maior hospício da história do Brasil e para o genocídio de milhares de pessoas, principalmente no período que corresponde aos anos de 1930 a 1980. A cidade de Barbacena foi marcada pela disputa política (partidária) entre duas famílias. Duarte (2009) denomina essa disputa como clã parental. Em outras palavras, Barbacena, mais precisamente a partir da década de 1930, foi circunscrita sob a hegemonia política entre duas famílias: os Bias Fortes e os Andrada. A esse respeito, Duarte (2009), citando Carvalho (1966), afirma que o

[...] controle do eleitorado pelas duas famílias era rígido. Nos pleitos municipais, a previsão do número de votos a ser alcançado nas urnas, principalmente na zona rural, era calculada com ‘exatidão quase matemática’, o mesmo controle se aplicava caso os candidatos barbacenenses estivessem concorrendo nas esferas estadual e federal. Tratava-se de um controle completo, pois Barbacena era fechada às influências externas, sendo comum às pessoas que procuravam outros políticos para alguma reivindicação escutarem a seguinte frase: ‘aquilo eu não posso mexer: aquilo é do Bias e do Zezinho [Andrada] (DUARTE, 2009, *apud*, CARVALHO, 1966, p. 173)

É nesse cenário político, na década de 1930, o qual havia uma constante troca de poderes nas mãos de duas famílias, que Barbacena recebeu o apelido de cidade dos loucos, fazendo referência, entre outras coisas, à

voz silenciada dos excluídos, oriunda do medo, do terror e da violência simbólica que Barbacena representava para aqueles [...] que vinham enviados de diferentes localidades, [...] através da estrada de ferro até meados de 1960 (DUARTE, 2009, p. 165).

Como assinala o poeta Carlos Drummond de Andrade em um de seus aforismas, “a loucura é diagnosticada pelos sãos, que não se submetem a diagnóstico” (ANDRADE, 2019, p. 159). E foi sob o olhar dos sãos investidos de poder – simbólico, político e social -, que o hospital Colônia serviu, por cinco décadas, como a adaptação da *Stultifera navis* descrita por Foucault (1997) em seu livro a **História da loucura**.

A nau dos loucos (*stultifera navis*) separava o dito louco da cidade e da convivência com os cidadãos e, fora dos limites urbanos, ele seguia sem perspectivas por águas desconhecidas, por terras desconhecidas, condenado a não mais regressar. No Colônia, muitos chegavam por meio do “Trem de doido”, vinham de diversos lugares do país e, tal como acontecia com os navegantes errantes da nau descrita por Foucault (1997), estes também eram separados da cidade, muitos recebiam nomes como “Ignorado de Tal” dentro da instituição, seus corpos, na maioria negros, eram desovados sem identidade em um cemitério local, ou vendidos para faculdades de medicina e farmácia (ARBEX, 2013). Também eles estavam destinados a permanecer até a morte - de frio, de fome, de doenças relacionadas à má higiene ou procedimentos psiquiátricos, tais como a lobotomia e os eletrochoques. Para Arbex (2013)

Sessenta mil pessoas perderam a vida no Colônia. As cinco décadas mais dramáticas do país fazem parte do período em que a loucura dos chamados normais dizimou, pelo menos, duas gerações de inocentes em 18.250 dias de horror. Restam hoje menos de 200 sobreviventes dessa tragédia *silenciosa*. (p. 24 – *grifos nossos*)

Ao apontar para uma tragédia silenciosa, Arbex (2013) abre a fissura para algumas perguntas em torno dos acontecimentos que envolvem o hospital Colônia e o lastro de memória deixado por sua inscrição na história de Barbacena. Acreditamos que o silêncio dessa tragédia vaza pelos poros da cidade, mesmo que se tente esquecê-la. Portanto, o silêncio das duas gerações de inocentes, ainda carece de ser compreendido, é preciso saber como ele atravessa e vive na cidade, como seus sentidos ecoam nela.

Atualmente, no prédio onde se abrigou o hospital Colônia, estão instalados o Museu da Loucura, criado em 16 de agosto de 1996 com a finalidade de recuperar a memória da Assistência Psiquiátrica em Minas Gerais (CCMS, 2021), o Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena e o Hospital de pronto atendimento de Barbacena e região, conhecido como hospital regional.

A proposta deste trabalho é de realizar uma análise, na perspectiva discursiva, da materialidade significativa presente em fotografias atuais da cidade de Barbacena. O objetivo é o de analisar como os sentidos e a memória da cidade

estereotipada como Cidade dos Loucos e Cidade das Rosas se movimentam, se confrontam e se integram à ordem discursiva da cidade e, por consequência, dos cidadãos.

Finalmente, dadas as condições de produção em torno da criação do hospital Colônia, de seu funcionamento e da estereotipia que Barbacena carrega, pretendemos esboçar, na seção que segue a essa primeira de caráter introdutório, a fundamentação teórica que sustenta este estudo.

2. A ORDEM DO DISCURSO URBANO: MEMÓRIA, SENTIDO E SILÊNCIO

Esta pesquisa está ancorada nos pressupostos teóricos-metodológicos da Análise de Discursos Materialista (doravante, AD), em especial nas contribuições de Pêcheux (1996, 2014, 2015), Grigoletto (2003), Orlandi (1999, 2003, 2007^a, 2007^b, 2014) e Lagazzi (2015).

Assumimos, aqui, que o discurso pode ser compreendido como “a relação entre a materialidade significativa e a história” (LAGAZZI, 2015, p. 173). Essa definição corrobora com o fato de que é possível realizar um gesto de interpretação em diferentes materialidades, além de

reiterar a importância de tomarmos o sentido como efeito de um trabalho simbólico sobre a cadeia significativa, na história, compreendendo a materialidade como o modo significativo pelo qual o sentido se formula (LAGAZZI, 2015, p. 173).

Pensando com Orlandi (2014) que “sujeito e sentido filiam-se a uma memória, se inscrevem na discursividade, ou seja, nos efeitos materiais da inscrição da falha da língua na história” (p. 75), esta pesquisa busca analisar como os sentidos de Cidade das Rosas e Cidade dos Loucos/Doidos são imbricados na memória e integrados à ordem discursiva de Barbacena. Ou seja, como esses sentidos são produzidos na e pela cidade, esta concebida como

um espaço simbólico diferenciado que tem sua materialidade e que produz a sua significância. Em outras palavras, a cidade caracteriza-se por dar forma a um conjunto de gestos de interpretação específicos e isto constitui o urbano. Quer dizer que, na cidade, o simbólico e o político se confrontam de um modo específico, particular. A isto chamamos ‘a ordem do discurso urbano’ (ORLANDI, 2015, p. 8)

Barbacena traz um lastro de memória em seu apelido, Cidade dos Loucos. Embora tenha havido (e ainda haja?) esforços de apagamento e substituição dessa nomenclatura por outra: Cidades das Rosas (GODOY, 2007), nota-se que a projeção

de um título não consegue apagar o impacto do outro, não há concorrência, há um efeito de adição, Barbacena se marca e é marcada como a Cidade das Rosas e dos Loucos. Contudo, a tentativa histórica de higienização, reflexada, entre outras coisas, na busca de mudança de um nome por outro, pode ser um indicativo de que a ordem (discursiva) do urbano e seus sentidos se tornem também afetados.

Em seu texto **No limiar da cidade**, Orlandi (1999) propõe uma separação entre a noção de ordem e a de organização. Para a pesquisadora, interessa à AD compreender a ordem do discurso urbano mais do que sua organização, uma vez que a ordem pertence ao domínio do simbólico, permitindo que se compreenda o real do sentido, o vazamento dos sentidos negados na instância do urbano, os excessos que geram, ou que podem gerar, insignificância. A hipótese deste trabalho é que ambas as sequências discursivas que estereotipam Barbacena sofrem um confronto em seus sentidos pela duplicidade do discurso urbano e do discurso sobre o/do urbano, distinção que Orlandi (1999) acredita “ser constitutiva da análise do sentido no espaço urbano” (p. 10).

Para compreender como esses sentidos constituem a cidade e se inscrevem na memória, é necessário revisitar o conceito de memória discursiva delineado por Pêcheux (2015) que a caracteriza como “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (p. 46). Com vistas nisso, a memória discursiva é um espaço onde os pré-construídos possibilitam as condições de existência de um acontecimento a ler. Essa memória é sempre regida por um duplo jogo de forças sob o choque do acontecimento: um de manutenção de uma regularização pré-existente, por meio de paráfrase, e um segundo, regido pela força de uma desregulação, que perturba a rede de implícitos, possibilitando a polissemia (Ibidem, p.47). Sendo assim, a memória se formula como um espaço heterogêneo, móvel e em constante disputa de regulações, é múltipla de desdobramentos, réplicas e de contra-discursos (Ibidem, p. 50). Em adição, “falando de história e de política, não há como não considerar o fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos” (ORLANDI, 2015, p. 53).

O silêncio, na perspectiva discursiva, tem o caráter fundante. Sendo assim, ele significa e é anterior à palavra. O silêncio é a “matéria significante por excelência” (ORLANDI, 2007, p. 33). De acordo com Grigoletto (2003)

A forma do silêncio fundante é a base sobre a qual se constrói a dimensão da política do silêncio: é porque o silêncio existe como matéria significativa, sem a qual não há sentido, que o dizer se povoa com alguns sentidos para que outros não sejam ditos e não signifiquem. Mas o silêncio está sempre a irromper os limites do dizer de modo a fazer com que o não-dito signifique. (p. 232)

Retornando à definição de que a memória discursiva é um espaço não homogêneo constituído por esquecimentos e silenciamentos, é importante compreender que este último, o silenciamento – ou a política do silêncio -, é “toda a questão de ‘tomar’ a palavra, ‘tirar’ a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar

etc.” (ORLANDI, 2007, p. 29). Essa forma política do silêncio tem ligada a ela duas formas de existência: o silêncio constitutivo e o silêncio local. O primeiro, chamado de constitutivo, é parte de toda produção de linguagem. Dito de outro modo, o silêncio constitutivo “pertence à própria ordem de produção de sentido. [...] Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o anti-implícito: se diz ‘x’ para não (deixar) dizer ‘y’, este sendo o sentido a se descartar do dito. (p. 73). Já o silêncio local é o silêncio do interdito, o silêncio mais perceptível, aquele que opera nos moldes da interdição do dizer, como, por exemplo, a censura. Nesse caso, se produz um cerceamento ao sentido, há delimitação e há proibição.

Nesta pesquisa, intentamos em mobilizar os conceitos de memória, sentido e silenciamento (constitutivo e local) a fim de analisar como isso se tenciona na ordem do discurso da cidade de Barbacena, no estado de Minas Gerais. Com vistas nisso, na próxima seção discutiremos como a análise será realizada em termos metodológicos.

3. METODOLOGIA

Este estudo foi realizado à luz da Análise de Discursos Materialista (AD). O *corpus* foi constituído por figuras atuais retiradas de fontes diversas – e devidamente identificadas - da cidade de Barbacena. O objetivo deste estudo é o de analisar como os sentidos de Cidade das Rosas e Cidade dos Loucos/Doidos se filiam na memória e se integram à ordem discursiva – seu domínio simbólico - em Barbacena-MG.

Pensando a imagem como materialidade significativa (LAGAZZI, 2003), trabalhamos com cinco imagens selecionadas de websites na internet e que movimentam, de certa forma, os processos de significação sobre os quais nos propomos analisar. Dividimos essas figuras em dois grupos. O primeiro grupo, com três imagens, está ligado à sequência discursiva Cidade das Rosas. O segundo grupo, com duas imagens, faz referência à sequência discursiva Cidade dos loucos.

É necessário frisar que, em alguns momentos, devemos salientar pontos geográficos no processo de análise. Para isso, sempre colocaremos a relação margem e centro, tanto para falar do movimento dos sentidos, quanto para oferecer uma noção em relação à posição geográfica das materialidades analisadas no interior da cidade.

Por fim, seguindo as orientações de Orlandi (2015), o *corpus* será analisado, em primeiro momento, em sua materialidade significativa, a fim de de-superficializar o que se apresenta. Nesse sentido, nos atentaremos para o que se vê, criando um crivo que indique os efeitos de evidências e que possibilitam a passagem para a análise da discursividade. Em outras palavras, passa-se a analisar os processos discursivos. Segundo Orlandi (Ibidem) é nessa etapa que “modo de construção, a estruturação, o modo de circulação e os diferentes gestos de leitura que constituem os sentidos do texto submetido à análise” (p. 65) Feito isso, propomos uma seção para a discussão em torno da análise, sendo essa seção uma reflexão final do nosso trabalho.

4. ANÁLISE

A seguir podemos observar o primeiro grupo de materialidades que serão postas em análise. A Figura 1 trata da lateral dos ônibus que, hegemonicamente, atravessam a cidade. Esses ônibus se encontram, diariamente, na região central. A Figura 2 é de alguns dos cinquenta abrigos de ônibus instalados pela administração da cidade nos anos de 2013 a 2016. Na figura, vemos a logo da prefeitura que é representada por uma rosa vermelha. Já na figura 3, observamos uma escultura de rosas, alocada também na região central.

Figura 1: ônibus que circulam no perímetro urbano de Barbacena



Fonte: Reprodução/TV Integração, 2019

Figura 2: Pontos de ônibus distribuídos em diferentes bairros da cidade pela administração entre os anos 2013 a 2016



Fonte: Prefeitura Municipal de Barbacena, 2017

Figura 3: Escultura de Rosas no Bairro Pontilhão, região central de Barbacena



Fonte: O Corvo Veloz, 2018

Na figura 1 notamos que a principal viação de transporte no perímetro urbano carrega em seus ônibus a sequência discursiva: Cidade das Rosas. Os ônibus circulam nos bairros do município afirmando e rememorando os cidadãos/cidadinas e turistas de que a cidade se caracteriza como um local fértil para o cultivo desse tipo de flor. O veículo atravessa diferentes bairros e algumas de suas linhas, como é o caso da que vai para o bairro João Paulo II, tem parada obrigatória em frente às dependências do antigo hospital Colônia. Como é possível observar, não somente os ônibus, como também alguns dos pontos de parada dos veículos, parafraseam essa memória, a regularizam. A logo de uma rosa (logo da Prefeitura Municipal de Barbacena) na figura 2 está distribuída pelos bairros e, no caso específico da figura aqui representada, tem como segundo plano a estação ferroviária de Barbacena onde um dos objetivos era o de receber os “vagões dos doidos” - vagões em que pessoas eram enviadas de diferentes localidades para internação no Colônia.

Já na figura 3, a escultura de rosas instalada pela prefeitura municipal e pela CDL (Câmara de Dirigentes e Lojistas), está localizada no seio do bairro Pontilhão Dom Pedro II, que dá acesso ao centro da cidade, além de ser um de seus cartões-postais. A escultura tem cerca de quatro metros de altura e faz menção à realização da Festa das Rosas e Flores e ao Outubro Rosa. A escultura conta com três rosas, duas em cor vermelha e uma em cor rosa, cada uma apontando para uma direção – o que pode ser confirmado pela sombra produzida pelo monumento -. O apontamento das rosas para três direções distintas, quase dispostas como autofalantes, repete o que caracteriza a cidade, assim como as outras figuras. Percebemos, então, a manutenção parafrástica nas materialidades que circulam o centro.

Muito além de compreender a organização da cidade, ou seja, de descrever como a cidade se estrutura em sua forma empírica, o que a Análise de Discurso busca compreender é a “ordem do discurso urbano, ou seja, entender como o simbólico em sua relação com o político configura os sentidos para/na cidade. Em suma, procurando compreender a ordem do discurso urbano, a questão que colocamos é: como a cidade se significa?” (OR9LANDI, 2015, p. 9)

Mantendo como foco as materialidades presentes nas figuras 1, 2 e 3 acima, o que é possível notar é que há uma busca institucional por regularizar os sentidos de Cidade das Rosas que se espalha por toda a cidade, mas que se faz presente,

expressivamente, na região central de Barbacena, como é o caso da escultura de rosas que aponta para todos os lados o que a cidade é, quais os sentidos que devem ser disseminados no centro. Barbacena, dentro desta perspectiva é, sobretudo, a cidade das rosas, cuja narrativa tende a destacar a capacidade de produção e exportação da flor para dentro e fora do país. Essa regularização é institucional pelo fato de que as materialidades significantes analisadas são estruturas difundidas, especialmente, por instâncias investidas de algum poder institucionalizado: a prefeitura, a empresa de ônibus, a CDL. A circulação de sentidos no espaço urbano que corresponde as figuras 1, 2 e 3 sofre uma estabilização, satura-se.

Portanto, a organização urbana – sua forma empírica - significa a cidade, seu centro, irradiando para os bairros – por meio dos ônibus e dos abrigos nos pontos de parada -, como a cidade das rosas, sobrepondo esses sentidos sobre outros possíveis, negando-lhes espaço no centro. Dessa forma, são nas margens que esses sentidos negados transitam com maior intensidade, são nas margens que a cidade dos loucos (se) significa.

A materialidade do segundo grupo, que correspondem às figuras 4 e 5, são de estruturas que ficam no bairro Floresta, na saída da cidade. A primeira, figura 4, é uma fotografia tirada pelo ângulo de cima do complexo de prédios que abrigou o hospital colônia até o fim do século passado. A segunda, é uma imagem de parte do cemitério da paz, local onde os corpos dos internos eram alojados.

Figura 4: Complexo do antigo hospital colônia nos dias atuais



Fonte: Agência Minas/Foto (arquivo): Alves Fotógrafo Drone, 2019

Figura 5: Cemitério da Paz



Fonte: Arbex, 2011

Na figura 4 deparamo-nos com o complexo de prédios onde fora alocado o hospital Colônia e, atualmente, abriga o Museu da Loucura, a unidade de pronto atendimento do município e o centro hospitalar psiquiátrico de Barbacena. A arquitetura preserva a memória do que houve no século passado e fica localizada no bairro Floresta, próximo à saída de Barbacena em direção a destinos como as cidades de Tiradentes e São João del-Rei. Como é possível observar na figura vista de cima, a memória que os muros evocam propicia um contraste e uma separação entre a cidade e as instalações de seu interior – os pátios que ficam no centro, por exemplo. A relação dentro/fora é uma das cicatrizes dessa materialidade, que remete aos anos de isolamento em que viveram os ditos loucos e ao processo de desumanização sobre o qual foram submetidos. Esse binarismo do interior e do exterior ao prédio faz insurgir outros binarismos: nós x eles, normais x loucos, ouvidos x silenciados.

No entanto, atualmente, é possível que esses binarismos, embora ainda marcados e lembrados pela arquitetura fechada em si mesma, tenham seus limites afrouxados, sofra a força da polissemia, sentidos novos são construídos, tendo em vista que recebe os ditos normais para visitar o museu, ou para serem atendidos no hospital regional. Ou seja, o exterior ocupa o interior, adentra os muros que os dividiam. A localização dos prédios nas bordas da cidade evidencia os sentidos de marginalização e desumanização dos sujeitos indesejados. Contudo, a existência de um museu funciona como uma resistência a esse sentido. Resistência instaurada no interior mesmo dos prédios, irrompendo o silenciamento e produzindo novos sentidos.

Porém, na figura 5 notamos, mais uma vez, uma tentativa sistemática de apagamento. O cemitério serviu como espaço de depósito dos corpos de inúmeros internos do hospital Colônia. O Cemitério da Paz, “cuja área pertence à Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais, está desativado desde o final da década de 80” (ARBEX, 2013, p. 58). Na figura, percebemos a predominância das cores verdes (mato que cresce entre e sobre os túmulos) e cinza (a cor dos túmulos). A falta de preservação do espaço denuncia o silenciamento – “fazer calar, silenciar” (ORLANDI, 2007, p. 29) – da memória das vítimas do hospital. O estatuto de abandono caracterizado pela falta de capina e limpeza sobre o qual o cemitério se encontra, também produz sentidos. Para Orlandi (2007), “se, como se sabe, o poder invade tudo, a resistência, (...) também está por toda parte e os sentidos vazam por qualquer espaço simbólico que se apresente. Eles migram” (p. 129).

Portanto, mesmo com o descaso que encontramos na figura 5, caracterizado pelo silenciamento, a existência do cemitério abandonado faz com que os sentidos ecoem por esse espaço simbólico e marquem a presença de uma memória que sofre processos de apagamento, mas que existe e resiste nas margens – em sua forma empírica e também simbólica. Há uma presença dos sentidos negados que se dá pela ausência, nos escombros, no silenciamento, esses sentidos acontecem.

5. REFLEXÕES FINAIS

Buscamos, por meio desta pesquisa, fazer uma análise na perspectiva discursiva, da materialidade significante presente em fotografias atuais da cidade de Barbacena (MG). Objetivamos, com isso, analisar como os sentidos e a memória de Barbacena, considerando as sequências pelas quais ela é conhecida, se movimentam, se confrontam e se integram à ordem discursiva da cidade e, por consequência, nos sentidos construídos pelos cidadãos.

As análises das figuras 1, 2 e 3 (grupo 1), estabilizam os sentidos da Cidade das Rosas, como se esses sentidos não pudessem coexistir junto daqueles presentes nas figuras 4 e 5 (grupo 2). O silêncio constitutivo nas figuras do primeiro grupo diz “x” (rosas) para não dizer “y” (loucos, holocausto, memória). Há, contudo, uma tensão entre o centro e a margem, uma vez que nas bordas da cidade, os sentidos negados no centro vazam por espaços materiais que irrompem com o silenciamento sistemático e institucionalizado que causa um efeito de saturação no centro.

O ônibus que circula com o enunciado “cidade das rosas” é o mesmo que leva as pessoas para o museu da loucura, o mesmo que carrega as pessoas para o hospital regional, o mesmo que transita na margem e que a leva para o centro, e vice-versa. Nisso, há uma pulsão dos processos de significação, há um vazamento dos sentidos interditados de complementar a organização urbana nas áreas de prestígio. Em suma, entre as rosas estão – os ditos – loucos e entre os – ditos – loucos estão as rosas. Somos confrontados por duas sequências discursivas que apontam tanto para a ordem, quanto para a organização, uma vez que o discurso do/sobre o urbano caracteriza a cidade como a cidade das rosas mais do que a cidade dos loucos. O que vemos aqui é que a memória do holocausto, embora sofra com o silenciamento, também perturba os implícitos regularizados pelo poder. Aqueles que morreram nas dependências da instituição significam a cidade e interpelam os cidadãos que nela habitam. A memória do holocausto não se deixa calar, seus sentidos movimentam-se e ecoam.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O avesso das coisas: aforismos**. 1ª ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019

ARBEX, Daniela. **O Holocausto Brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil**. São Paulo: Geração Editorial, 2013

DUARTE, Maristela Nascimento. **De “Ares e Luzes” a “Inferno Humano”**. Concepções e práticas psiquiátricas no Hospital Colônia de Barbacena: 1946 -1979. Estudo de Caso. 13

FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na Idade Clássica (1961)**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GODOY, Ana Boff de. **Arquivos de Barbacena, a Cidade dos loucos**: o manicômio como lugar de aprisionamento e apagamento de sujeitos e suas memórias. Revista Investigações, vol. 27, nº 2, julho/2014.

GRIGOLETTO, Marisa. **Silenciamento e memória**: discurso e colonização britânica na Índia. Organon, v. 17, n. 35, p.220-243, 2003. DOI: 10.22456/2238-8915.30026

LAGAZZI, Suzy. **Linha de passe**: a materialidade significativa em análise. Rua, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 173-182, 2015. DOI: 10.20396/rua.v16i2.8638825.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A casa e a Rua**: uma relação política e social. 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Parkour**: corpo e espaço reescrevem o sujeito. Línguas e Instrumentos Linguísticos, Campinas, n. 34, p. 75-86, jul./dez. 2014

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 11 ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Maió de 68**: silêncio da memória. In: Papel da Memória. Campinas: Pontes, 2015. p. 53 – 61

ORLANDI, Eni Puccinelli. **N/O Limiar da cidade**. Rua, Campinas, SP, v. 5, p. 7-19, 2015. DOI: 10.20396/rua.v5i0.8640678

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et. al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2015. p. 43-51.

PREFEITURA MUNICIPAL. **Barbacena** – antigo Hospital Colônia. Ipatrimônio.org, 2020. Disponível em < <http://www.ipatrimonio.org/barbacena-antigo-hospitalcolonia/#!/map=38329&loc=-21.205405999999993,-43.786491,17> > Acesso em: 19/10/2021.

SEM AUTOR. **Saúde com arte**: museu da loucura, 2021. Disponível em < <http://www.ccms.saude.gov.br/noticias/saude-com-arte-museu-da-loucura-mg> > Acesso em:19/10/2021.

Para citar este artigo

GOMES, C. da S. A ordem discursiva na Cidade dos loucos e das rosas. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 12, n. 1, 2023, p. 82-94.

A autora

CAMILA DA SILVA GOMES é graduada no curso de Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Lavras - UFLA (2019). Mestre em Letras na linha de pesquisa de Discurso e Representação Social pela Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ (2022), onde foi bolsista da CAPES. Foi professora de Português para estrangeiros no Núcleo de Línguas (NUCLI) da UFLA. Trabalhou como professora substituta de Língua Portuguesa da CODALIP no IFMG - Campus Ouro Preto. Atualmente, faz doutorado em Linguística na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.